

Director-Editor

SEDEIRA DA VILA

A quem deve ser dirigida sede e cor
respondênciaEndereço telegráfico
ALGHARVE — FaroNão se resguardam artigos, sejam ou não
publicados, e não se acelam informações
confidenciaisRedacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 29 de agosto de 1920

ASSINATURAS

Pagamento adiantado
Portugal, Ilhas e Espanha 6 meses.
Colônias e Extrangeiro...

COMUNICADOS E ANUNCIOS

N.º 3.º e 4.º pagina, cada lin. 50 G.
Nas outras páginas, contrato
especialComposto e impresso na Tipografia d'«O Algarve»
RUA DE ALPORTEL, N.º 28 — FARO

A volta à terra

A anormalidade entre a produção e o consumo provocada pela guerra, não só porque foi e é considerável a falta de braços para o trabalho, como porque as dificuldades de importação e exportação, criaram às nações uma vida difícil, vendo-se entregues a si próprias, originou também um outro perigo que, aliás, já estava eminente no momento desse conflito estalar, mas que se agravou e gravou bastante, em virtude da desorientação lançada pela guerra. Referimo-nos ao urbanismo.

Ciosos de se dedicarem a largos negócios e de conquistarem fortunas em pouco tempo, os habitantes da província, aproveitando o excepcional momento que a guerra lhes oferecia, abalaram dos campos, deixando as colheitas ao abandono e emigraram em considerável número para as cidades. Ao mesmo tempo o serviço militar arrancava ao campo os melhores dos seus braços, provocando na indústria agrícola uma sustentada disparidade entre a produção e o consumo e fazendo, portanto, crescer o nosso já importante déficit agrícola, e em especial o cerealífero.

Entre os muitos males que a nossa infeliz entrada na guerra trouxe abunda esse em primeiro lugar. E tanto mais é para lamentar o fato quanto é certo que em Portugal negligenciamos medidas tão-só tidas tomadas, nem pelo Estado nem pela iniciativa particular para o fim de combater o urbanismo e provocar a necessária volta à terra.

A Romenia, a Bulgária decretaram há tempo e fazem executar a mobilização agrícola, canalisando para o campo todas as forças produtoras; em Paris em 1916, fundou-se a Casa e o Trabalho dos Campos, assim de promover a volta à terra de tantos milhares de trabalhadores, coletividade esta que é auxiliada pelas maiores individualidades do país.

O seu primeiro objetivo, foi o de investigar quais os indivíduos, famílias de origem campeza que, desiludidos das grandezas das cidades, desejarão voltar ao campo; para se obter este resultado a associação fixou cartazes afixados em todas as freguesias, escolas, igrejas, caminhos de ferro distribuindo folhas soltas de propaganda, etc. Isto deu em re-

HA 44 ANOS
No «O Distrito de Faro» de 24 de agosto de 1876

A ex.º esposa do nosso particular amigo, o sr. António Pereira de Matos, deu hontem à luz, com a máxima felicidade, um robusto menino. As nossas cordes felicitações.

No domingo de tarde, na vila ferial, junto a esta cidade, deu-se um acontecimento bastante lamentável. Um bando de rapazes havia-se apoderado de um carro, que se achava solto, e fazia nele as suas correrias, quando um deles, assustado pela aproximação do guarda, saltou tão precipitadamente para o centro da via, que uma das rodas apanhou-o, fracturando-lhe a perna direita.

Não compreendemos a razão porque se deixam os carros soltos sobre os raios à mercê da rapaziada desentreada, que não conhece os perigos.

ECOS DA SEMANA

Parlamento

Fechou o parlamento e com magna constatamos que da sua obra nada fica que mereça a pena registar. Os mais graves problemas da finança, da economia, da ordem, da instrução e do fomento nacional, e principalmente colonial, ficaram sem quaisquer diplomas que deles se ocupassem de forma pratica, tal como é necessário.

A associação insiste junto dos proprietários para que proporcionem aos seus protegidos e trabalho anual, uma habitação espaçosa e um salário digno, afim de que eles se prendam definitivamente ao campo.

Além disso quando vê que os trabalhadores colocados pela associação dão mostras de competência e honestidade, aquela põe-nos em contacto com o crédito agrícola, cooperativa que lhe proporciona os meios de se tornarem proprietários.

A associação tem filiais em todos os concelhos, assim de que sejam viabilizadas as condições em que os trabalhadores vivem.

Além da colocação de muitos reformados, a associação tem obtido trabalho para muitas viúvas de combatentes da guerra, pelo que o governo lhe concedeu uma subvenção de 3.000 francos.

Seria esta uma obra a efectuar entre nós, se neste país se pencesse mais nestes problemas do que na política facciosa e intelectual que nos colocou a beira dum tremendo abismo. Poderíamos assim remediar ainda os efeitos nefastos que provocou na nossa agricultura a entrada na guerra, o exodo da emigração e o perigo sempre crescente do urbanismo.

Uma moderna estatística dá nos os seguintes números que reputamo bastante factuais: na Suécia, por 1.000 habitantes há apenas um analfabeto; na Alemanha, 2; na Inglaterra 10; na Holanda 20; na França 40; na Suíça, 1; na Itália, 210; na Espanha, 660; em Portugal, 750.

Como se vê Portugal lá está lado por um vergonhoso numero. E é tanto mais vergonhoso e mais deprimente quanto é certo que o analfabetismo é uma das principais causas do descalabro moral a que vimos assistindo neste país.

Perguntam ao público que grita e baralusta contra a carestia da vida, se os srs. Mateus da Silveira, Pires & Gomes e João Soares Viegas, não são uns benemeritos; que o sangue que vertem pelas túnecas das suas chagas, como mar- mires desta era, não é barato, bom e generoso?

Manuel Caetano de Sousa

Entrou a semana com mais um crime. É a consequência natural desse descalabro a que nos referimos acima. Mais: é também a consequência dessa tensa se menteira de ódio que vem fazendo-se há uns anos a esta parte.

Tomou parte nessa criminosa ação um jovem sindicalista que bem orientado, oderia quem saísse? — ser um cidadão prestativo. Assim, desorientado, atira-se para o lado do crime e marca na sua vida esta página tinta de sangue.

Desta vez o réu que é um juiz do tribunal de defesa social escapou. Antes assim. Mas o áito que seja esta a última vergonha a que assistimos. O tempo de terminar a sangueira, senhores.

PARA FECHAR

Em época de restrições:

Um banqueiro encontra um ganho a revistar-lhe a gaveta do dinheiro.

— O seu patife, o que está você aqui a fazer?

— Estou a ver se ainda cá está o deposito que eu fiz há tempo na sua casa bancária. Com vocês agora não ha que falar.

— A GAIPE vende-se em Faro na Livraria das Novidades de António dos S. Capela.

Voltou-se para o carroceiro e diz:

— Meu pai está às sete horas para lhe pagar.

A carroceira partiu.

Henrique entra na loja apinhada de lenha e farinha, e perguntou:

— Mas onde estudas Coretti?

Este conduziu-o ao quartinho que servia de cozinha e casa de jantar, onde numa mesa, a um canto, estavam livros, cadernos e uma escrita principiada.

Coretti começou escrevendo numa bela caligrafia: *Com coiro fazem-se o calçado, as cintas e as malas.*

Mas logo se ouviu na loja:

— Não está cá ninguém?

Era uma mulher que vinha comprar lenha meada.

— Pronto, respondeu Coretti.

Peça a lenha, recebe o dinheiro, tome nota da venda, e volta para a escrita dizendo:

— Vamos acabar o período: *beltas de viagem, mochilas para os soldados.*

— Ah! o meu sobro ca é que se vai embora! exclamou correndo ao fogão e tirando a cafeteira do lume. É o café para minha mãe.

— Foi bom aprender a faze-lo. Há sete dias que está de cama. Vamos já leva-lo.

— Que devo acrescentar depois de *mochilas para soldados*? Não me lembra.

— Vem ver a mamá.

Foram ao quarto, e Coretti, depois de apresentar Henrique deu

o café à mãe e arranjou-lhe os travesseiros, a coberta, e expedito o

NOTAS E COMENTARIOS

O vintem dos pobres

IV

Só no próximo número começaremos a publicar as opiniões dos nossos entrevistados, acerca da ideia *O Vintem dos Pobres*. Gostosamente publicamos a carta que se segue:

... sr. Caetano de Sousa

Disse em tempo um orador ne-
tavel: — uma nação está morta ou
quase morta, quando todo-a terra
vivia, exceto o cuidado das coisas
que não morrem.

Para Portugal estas considera-
ções são na realidade um palido
reflexo.

Contudo ainda não é desespera-
da a chega a um impossível a sua
cura.

Ainda ou muito nos iludimos,
ainda no amago do grande numero
de almas que vivem em nossa
terra existe, embora latente, a cha-
ma da fé. Ainda no seio deste bom
povo não estão em geral extintos,
mas somente sopitados os senti-
mentos da Caridade. E na verda-
de uma das qualidades, que mais
enobrece o povo português e define
perfeitamente o seu carácter, é a
solicitude com que acode ao
apelo da caridade, quando uma
desgraça qualquer se manifesta
nas victimas dela recorrem à gene-
rosidade pública.

Também não é justo dizer-se
que o público tem um odio de
morte a todos os açambarcadores.
Não ha regra sem exceção e as-
sim, o público comprehende muito
bem, que ha certos açambarca-
dores que são autênticos benemeritos;
que ha certos comerciantes
que vendem a mercadoria quasi
de graça.

Perguntam ao público que grita
e baralusta contra a carestia da
vida, se os srs. Mateus da Silveira,
Pires & Gomes e João Soares
Viegas, não são uns benemeritos,

e se o sangue que vertem pelas tur-
neiras das suas chagas, como mar-
mires desta era, não é barato,

bom e generoso?

Manuel Caetano de Sousa

Infelizmente, sr. Caetano de Sousa,

a miseria é em numero considera-
vel por esse paiz foral.

A vida de hoje nos pobres é hor-
rivel.

E se a quizessemos descrever em
toda a sua rudeza, teríamos que
encher muitos livros, romances co-
movedores e compungentes em que

se paciente, delicado e justo.

É pois, com estes predicados
que se deve encaminhar a crea-
nça, para que no futuro ela possa
ser um homem ou uma mulher

util para a sociedade.

Não esqueçamos porém que o
exemplo é tudo.

Se queremos a infância prati-
cando o BEM, começemos nós
proprios por o adoptarmos em
todas as circunstancias da vida, e
então a criança sentirá e compre-
enderá o desejo de nos imitar

pois, como afirmou Legoué, «nada

é tão contagioso como a ação

dos sentimentos elevados.»

E bastará para o atestar o facto
de encararmos a educação co-
mo a ciencia de ser bom.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
mem.

E bastará para o atestar o facto
de encararmos a educação co-
mo a ciencia de ser bom.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
mem.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio
social, devido, não à maldade ins-
tintiva do homem, mas à sua erro-
nea compreensão da vida, convem
que a infancia seja ministrada,
desde tenra edade, os mais salu-
tares princípios de fraternidade
que é justo existam entre o ho-
men.

Pervertido como está o inicio<br

